

Sarney e PMDB vivem clima de desconfiança

Jorge Bastos Moreno

Brasília — O presidente José Sarney decididamente não confia no PMDB e, por causa disso, tem tomado decisões que estão provocando uma reação de reciprocidade. A união do partido com o seu presidente de honra passa a ser agora de pura conveniência. Mas a conveniência pode levar muito em breve a um afastamento que, por ser natural, dará margem a que Sarney retome a idéia de criar um bloco mais ampliado, para assegurar sua base de sustentação política no Congresso. Isso forçará a uma divisão dentro do PMDB, e a parte depurada se somaria aos partidos de oposição.

Essa é a constatação de parlamentares do PMDB, diante dos últimos acontecimentos envolvendo Sarney e o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães e, a reboque, o grupo **Pró-Soberania**. No meio da discussão, a eventual reforma do ministério poderá representar um divisor de águas entre o governo e seu principal partido.

Se for do interesse de Sarney, analisar os integrantes da direção do PMDB, ele fará essa reforma em conjunto com Ulysses, que, de avalista *sub-judice* da transição, passaria a ser cúmplice de toda a ação governamental, reassumindo os compromissos da criação da Aliança Democrática. A fórmula para isso, sugerida por assessores de Sarney, seria o presidente do PMDB apresentar uma lista triplíce para cada um dos cargos que pertence ao partido e Sarney escolher os que preenchessem os critérios que julga indispensáveis para a sua equipe de governo.

Sarney, ao que tudo indica, parece não estar disposto a abrir mão de sua prerrogativa de escolher seus ministros. Nesse caso, assumindo sozinho a responsabilidade das escolhas, liberaria o presidente do PMDB de endossar desacertos da equipe de governo. Mas reduziria a margem de insatisfação, se as escolhas coincidissem com as preferências de Ulysses.

"O casamento é de conveniência e, como tal, um partido que, durante 20 anos, ficou à margem do processo de decisão tudo fará para evitar a separação", constata o senador Severo Gomes (PMDB-SP). O ex-líder do PMDB e do governo na Câmara, deputado Pimenta da Veiga (MG), com a ressalva de sua admiração e respeito a Sarney, observa que o presidente agiu de forma equivocada no episódio da discussão do regimento da Constituinte, insuflado talvez pelos que lutam para afastá-lo do PMDB.

"Não quero dizer que o presidente foi ingrato, mas a contra-informação o levou a desconfiar do PMDB, passando-nos um atestado de desconfiança. Como consertar isso, sinceramente não sei", diz Pimenta.

Da parte do governo, as queixas são maiores. Sarney ainda não se conformou por não ter sido informado por Ulysses nem por Pimenta da movimentação em favor do não-funcionamento da Câmara e Senado. E visualizou, na discussão do

parágrafo 7º do artigo 57 do regimento, uma manobra para reduzir seu mandato. A redação inicial desse parágrafo dava margem a interpretações de que a Constituinte, prematuramente, poderia alterar a atual Constituição.

Sarney reagiu com a nomeação do deputado Carlos Sant'Anna para líder da maioria e não avisou a essa mesma maioria que ela teria um líder. E ainda por cima cobrou fidelidade do PMDB, ameaçando conter sua sede fisiológica, em recado transmitido — e não desmentido — pelo líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, quando lhe resumiu a conversa que teve com Ulysses.

"Sarney declarou guerra à bancada do PMDB, pensando que os governadores eleitos, depois da posse, recomporm o quadro. Frustrou-se no episódio da Bahia", afirma um dirigente do partido, advertindo que, nesse episódio, o mais atingido foi o governador eleito Waldir Pires. A bancada baiana está à beira do rompimento com o governo, tendo inclusive se recusado a receber Sarney na sua viagem a Salvador, na semana passada, porque o presidente resolveu trocar o presidente da Chesf, colocando em seu lugar uma pessoa ligada ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

A rebelião baiana, segundo a direção do PMDB, pode contagiar outras bancadas. Sarney, mesmo supondo contar com o apoio dos governadores eleitos pelo partido, terá que se equilibrar nos estados onde o PMDB terá o governo, mas o PFL tem ministros: Bahia, Pernambuco, Santa Catarina e Minas Gerais.

"A hora é de bom senso. O PMDB não pode retroagir e estimular um bipartidarismo artificial: de um lado, o partido depurado, e, de outro, o PFL engordado pela adesão dos remanescentes do PMDB", adverte o ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, para quem as tentativas de estimular uma crise entre Sarney e Ulysses visavam exatamente a esse objetivo. Archer assegura que as divergências entre Ulysses e Sarney são fabricadas.

Ulysses diz a mesma coisa e reafirma seu perfeito entrosamento com Sarney. Para demonstrar isso, o deputado encampou a idéia do governador eleito do Paraná, Alvaro Dias, de se convocar uma reunião de todos os governadores do partido, logo após a posse, para que eles reafirmem solidariedade ao PMDB.

"Isso é muito perigoso. Parece aquela coisa de técnico de futebol. Quando está muito prestigiado, é porque está perdendo confiança", rebate de pronto o governador eleito de Mato Grosso, Carlos Bezerra.

Se existe, da parte de Ulysses, clara disposição de acabar com a cisma de que estaria se desentendendo com Sarney, este não faz o menor esforço para isso e demonstra o contrário: acaba de decidir a permanência do deputado Sebastião Rodrigues na presidência da carteira de crédito do Banco do Brasil, justificando abertamente que isso é para impedir que Ulysses peça a vaga para seu amigo Pacheco Chaves.